

Jornalismo, Mídia e Violência no Futebol: apostando na paz

Journalism, Media and Violence in Football: betting on peace

ENTREVISTA | INTERVIEW | ENTREVISTA

Mauricio MURAD | Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

Com um livro recém lançado precisamente sobre o tema dessa entrevista - *A Violência no Futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*, pela Editora Saraiva/Selo Benvirá/SP, que atualiza os seus dados de pesquisa até dezembro de 2016,

Mauricio Murad é sociólogo formado pela UFRJ, doutor em sociologia dos esportes, autor de livros, capítulos de livros e artigos científicos publicados no Brasil e no exterior, com ênfase em violência e futebol. Atualmente trabalhando como pesquisador da Universidade Salgado de Oliveira, no Rio de Janeiro, foi fundador e coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ, em maio de 1990, pioneiro em nosso sistema universitário. Também foram pioneiras as



Foto: Naiana TOLENTINO

iniciativas da disciplina Sociologia do Futebol e a edição da revista acadêmica Pesquisa de Campo, da qual foi editor. Seus livros *Sociologia e Educação Física*, da Fundação Getúlio Vargas/RJ, na 3ª edição, e o já referido *A Violência no Futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*, da Editora Saraiva, São Paulo, são referências no Brasil. É autor também de livros de ficção, de contos e romances. Seu romance infanto-juvenil *Todo Esse Lance que Rola: uma história de namoro e futebol* foi premiado pelo MEC, adotado em diversos colégios e adaptado para o teatro.

ENTREVISTA

Resumo

Entrevista concedida pelo professor e pesquisador Mauricio Murad, da Universidade Salgado de Oliveira, do Rio de Janeiro, à Revista ÂNCORA, por ocasião do recente lançamento do seu livro *A Violência no Futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*, da Editora Saraiva/Selo Benvirá - SP, edição revista e ampliada.

Tema: "Violência, futebol e jornalismo de esportes"

A entrevista foi concedida ao professor e jornalista, Edônio Alves Nascimento, editor deste número da Revista ÂNCORA, que tem a proposta de tematizar justamente essas questões ligadas ao esporte na sua relação com a mídia especializada.

Palavras-chave | Keywords | Palabras clave |

Futebol; Violência; Jornalismo esportivo; Mídia | Soccer; Violence; Sports journalism; Media | Fútbol; La violencia; El periodismo deportivo; Medios de comunicación.

ENTREVISTA REALIZADA EM 10 DE OUTUBRO DE 2016
APROVADA EM 20 DE MARÇO DE 2017



O senhor, na condição de pesquisador do tema à luz da sociologia do esporte, estuda o fenômeno da violência física no âmbito do futebol há quase trinta anos; notadamente a violência que ocorre dentro e entre as torcidas organizadas dos clubes. **Que relação o senhor faria entre a violência simbólica que é veiculada pela mídia, quando esta difunde essa questão do futebol, e o fenômeno da violência física que ocorre nas grandes cidades em dias de jogos?**



Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

A violência física que acontece nos estádios brasileiros, dentro e fora, nas imediações e até mesmo em locais muito distantes dos campos de jogo é preocupante e não é de hoje. Já fizemos a observação empírica de conflitos, em até 60 km de distância do estádio, e em dias diferentes das partidas, um, dois e até três dias antes ou depois. Sem dúvida, é uma questão muito preocupante, um grave problema de segurança pública, onde as gangues infiltradas nas torcidas organizadas não têm limites, para o confronto, a depredação, a agressividade e a violência, incluindo-se nesse conjunto, mortes de torcedores. Desde 2009, o Brasil é o campeão mundial de mortes comprovadas de torcedores, motivadas por conflitos entre grupos de torcedores rivais, ultrapassando a Argentina e a Itália. Para esses grupos minoritários, mas delinquentes e vândalos, adversário é inimigo, e inimigo a ser abatido, competição vira agressão e concorrência vira violência.

Portanto é uma lógica perversa, brutal (aquecida pelo consumo exagerado de álcool e drogas ilícitas), que tem que ser contida, por um conjunto de ações integradas de repressão, de prevenção de reeducação. E este cenário, repito, é alimentado pelo contexto de violência geral que vivemos no Brasil, especialmente pelo chamado crime organizado e pelo tráfico de drogas e de armas. São variadas as práticas de violência, tanto a direta, chamada de violência física (material) quanto a violência indireta, muitas vezes invisível, a chamada violência simbólica, que interage dialeticamente com a física. Nas sociedades contemporâneas em que vivemos, sociedades da imagem e

Desde 2009, o Brasil é o campeão mundial de mortes comprovadas de torcedores, motivadas por conflitos entre grupos de torcedores rivais, ultrapassando a Argentina e a Itália. Para esses grupos minoritários, mas delinquentes e vândalos, adversário é inimigo, e inimigo a ser abatido, competição vira agressão e concorrência vira violência.

Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

da informação, aceleradas e multiplicadas, o papel dos meios de comunicação é fundamental, para o “bem” e/ou para o “mal”. A mídia, mesmo a especializada, ou seja, a esportiva, com sua pressa e superficialidade, quase conceituais, costuma muitas vezes generalizar, confundir a parte com o todo e não separar o joio (a erva daninha) do trigo. Assim, confunde a “opinião pública”, que passa a achar em tantas oportunidades que torcida organizada é sinônimo de violência, inclusive promovendo a ideia de acabar com as organizadas, como a única solução possível ao problema da violência no futebol, no e não do futebol.

Claro, que a mídia não inventa a realidade, mas a forma como notícia, como edita as imagens, o sentido que empresta às reportagens e o seu destaque (por vezes, parcial), podem sim ser consideradas e efetivamente são formas que poderíamos chamar de violência simbólica. E o material empírico visível, nesse quadro de referências, disponível aos pesquisadores, não é de pouca relevância não. Múltiplas são as investigações nessa linha metodológica e outras tantas ainda podem vir a ser construídas teórica, metodológica e tecnicamente.

ÂNCORA

Como o senhor avalia o papel do jornalismo esportivo brasileiro no combate, difusão (ou até o sugestionamento simbólico) da violência que ocorre no âmbito do futebol brasileiro?



Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

O escritor e jornalista Paulo Mendes Campos disse, certa vez, que o nosso jornalismo esportivo ainda não fez a sua “semana de arte moderna”, mas que é preciso fazê-la, e já, como uma forma de libertação, autonomia e consistência, para poder fazer jus à tarefa que abraçou: principalmente o futebol, um dos maiores fenômenos de nossa cultura coletiva, simbologia e identidade expressivas, dos nossos modos históricos de ser e de existir socialmente.

Claro que há exceções e, na atualidade, até que não são poucas e são dignas de nota, mas esse sistema, antes referido, ainda é predominante entre os profissionais e suas emissoras. Faz-se necessário ampliar essa massa crítica, em quantidade e qualidade. Evidentemente, o papel do jornalismo esportivo é essencial, mas às vezes (e não poucas) dá a impressão que os profissionais da área, desde a sua formação universitária, até a sua atuação ocupacional, não têm consciência, nem razoável, de seu papel social, de sua práxis. Há, inclusive, um nível relativamente baixo de

informação, de cultura geral, nem se fala, e uma tendência a fazer programas esportivos quase como se fossem “programas humorísticos”, onde todos os participantes têm que ser “engraçados, espirituosos”. Qualquer diferença é considerada, inclusive pelo público, como rabugice e mau humor negativos.

Luís Fernando Veríssimo cunhou uma ideia, não diretamente voltada para o nosso jornalismo esportivo, mas geral, que serve bem à sua prática. É a ideia do M.P.U., ou seja, movimento do pensamento único, quando a mídia fica pasteurizada, homogeneizada, igual. Em razão disto, acabam, mesmo que indiretamente e sem querer, contribuindo para um certo “baixo nível” das coberturas, dos comentários e das análises, em geral, e mais ainda em se tratando das práticas de violência, que ocorrem no universo do futebol brasileiro. Uma boa revisão e novas perspectivas, desde a formação desses profissionais, até a sua atuação prática, sem dúvida, fariam muito bem à elevação da nossa consciência coletiva, face a uma das mais graves violências existentes na realidade brasileira, que é a violência no futebol.



Quais os fatores macrossociais e microssociais que devem ser considerados, analisados e atacados para a formatação de um eficaz combate a este fenômeno da violência que ocorre nas grandes cidades e estádios brasileiros?



Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

Esta é uma questão muito relevante, e ao mesmo tempo muito complexa. Precisariamos de uma revista inteira (rs), para respondê-la integral e satisfatoriamente. Todavia, vamos lá, vamos tentar, mesmo que resumidamente.

A violência urbana nas cidades do Brasil (grandes, médias, pequenas e hoje até micros) e sua parcela no futebol, qual seja, a violência nos estádios brasileiros e nos seus arredores é um problemão mais do que complexo e multifacetado, com causas macro e microssociais articuladas. Não é questão simples de resolver, mas é fundamental que se pense, debata, pesquise e enfrente esse grande problema social de segurança pública. Fatores macrossociais de uma como de outra realidade violenta são, e em síntese, a concentração histórica e estrutural do Brasil, concentração de riqueza, de renda, de poder, de oportunidades. Nosso país é excessivamente concentrado, o que gera uma vasta exclusão social, um afastamento das

pessoas, especialmente, pobres e mestiços, das instituições sociais do trabalho, da educação e da cultura.

Uma boa revisão e novas perspectivas, desde a formação desses profissionais (os jornalistas esportivos), até a sua atuação prática, sem dúvida, fariam muito bem à elevação da nossa consciência coletiva, face a uma das mais graves violências existentes na realidade brasileira, que é a violência no futebol.

Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

O tráfico de drogas e de armas no mundo do chamado crime organizado, a corrupção generalizada e a impunidade estrutural da existência social no Brasil, igualmente, são fatores macrossociais. Portanto, para o controle mínimo que seja das práticas de violência no Brasil, essas problemáticas sociais e culturais têm que ser atacadas de frente e nesta perspectiva é essencial uma transformação profunda em nossa estrutura

educacional. Sem educação não há solução. Nenhuma sociedade se transforma somente pela educação, mas nenhuma se transforma satisfatoriamente e profundamente sem a educação.

Os fatores microssociais, em última instância e de certa forma, consequências dos fatores macrossociais, que poderíamos elencar, de maneira sintética, são: o despreparo das polícias, com nível baixo de qualificação, treinamento e condições gerais de salário, trabalho e valorização profissional. Um sistema policial geral, quase que totalmente baseado na truculência e repressão, com pouco investimento em inteligência e prevenção. E também um nível geral de “baixa qualidade civilizacional” de nossa sociedade que se manifesta especialmente em eventos de multidão, ou seja, baixo índice de consciência social da necessidade de cumprir e fazer cumprir, regras, normas, contratos, acordos, leis. Não podemos deixar de referir também um outro fator macro que realimenta o micro: a extrema precariedade, e violência de nosso sistema prisional, uma verdadeira “escola superior” do crime e da transgressão.

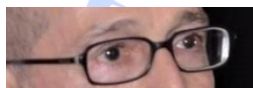
No caso específico do futebol (e em outros setores) há que se ter um plano estratégico nacional, baseado em pesquisas científicas, constantes, consistentes teórica e metodologicamente, sustentáveis e renováveis. Um plano estratégico nacional, que dê conta de nossa diversidade cultural e integre três conjuntos de medidas articuladas: medidas cujos efeitos são no curto prazo, de caráter repressivo, imediato; medidas cujos efeitos se dão no médio prazo, de caráter preventivo, trabalho de inteligência e medidas

cujos efeitos são de longo prazo, de caráter reeducativo, para minimizar as culturas de intolerância, machismo e exclusão, hoje, mais ou menos predominantes nas torcidas de futebol.

E sempre, é óbvio, devemos ressaltar que a impunidade é um dos fatores mais graves, que têm que ser enfrentados, em nosso país, e em escala generalizada, diversificada. Nos últimos três anos, somente 3% de todos os crimes e transgressões no futebol brasileiro foram punidos até as últimas consequências. E não foi muito diferente em outros setores da vida coletiva brasileira, como os crimes de trânsito (só 8%), assassinatos de gays (3%), violências no mundo rural (5%) e corrupção (3%).

ÂNCORA

O senhor é um severo crítico do Estado brasileiro por este não conseguir oferecer aos seus cidadãos uma política séria e consistente, em termos de segurança pública, para proteger este patrimônio cultural e coletivo que é o futebol para os brasileiros. **Na sua opinião, em que os governos brasileiros têm errado nesse âmbito, mesmo tendo sido exitoso em organizar, no país, os dois maiores megaeventos internacionais do esporte que são a Copa do Mundo e as Olimpíadas?**



Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

Os governos brasileiros, todos, têm errado muito na busca de uma política estratégica de segurança pública no futebol do país. Em verdade, nem tentam uma estratégia nacional de fato, avocada de Brasília, culturalmente diversificada e aprofundada. Muito papo, promessa e quase nada de realidade concreta, construídas com parcerias e debate democrático e socializador.

Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

É verdade, tenho sido sim um severo crítico do Estado brasileiro, em relação à política de segurança, em geral, e também à política de segurança no futebol. E parafraseando Chico Buarque de Holanda, em relação ao que disse certa vez o nosso grande compositor, em tempos passados, para a Rede Globo de televisão, que ele não tinha preconceitos com a Globo, tinha pós-conceitos, digo a mesma coisa, às autoridades

brasileiras, governamentais e esportivas. Como conheço “por dentro” as políticas públicas de segurança futebolística e seus agentes sociais e políticos, por isso, não tenho a menor esperança de que dali saiam bons

resultados, efetivos, consistentes. Então, como conheço as pessoas e os planos e programas, não me foi dada outra opção a não ser esta, a de um crítico severo às promessas não cumpridas de governos, confederação, federações e clubes. Confesso cá entre nós: dá um cansaço danado e uma vontade daquelas de desistir. Afinal, tô nessa há praticamente 30 anos! Não é brincado, não, como se costuma dizer nas arquibancadas dos estádios (rs).

Os governos brasileiros, todos, têm errado muito na busca de uma política estratégica de segurança pública no futebol do país. Em verdade, nem tentam uma estratégia nacional de fato, avocada de Brasília, culturalmente diversificada e aprofundada. Muito papo, promessa e quase nada de realidade concreta, construídas com parcerias e debate democrático e socializador. Ficam com promessas vãs e iniciativas pontuais, desarticuladas de um conjunto bem fundamentado, constante, renovável e sustentável. E em bases científicas, aproveitando os muitos estudos, inquéritos, levantamentos e investigações em diversas universidades do Brasil, sobre essa urgente temática, feitos por gente de qualidade, de boa cepa e interessada de verdade em minimizar e controlar o problema. Os pesquisadores, estudiosos, estão quase sempre disponíveis a contribuir, a auxiliar as autoridades públicas. Já estas, nem sempre são públicas e quase

Jornalistas e emissoras deveriam ter mais responsabilidade e compromisso com aquilo que são e com o que representam. Penso que na conjuntura dos Jogos Olímpicos (e na Copa do Mundo, também) houve falta de melhor e maior fundamentação, tanto para uma postura - a da crítica ferina - quanto para outra, do ôba-ôba festivo.

Maurício MURAD
Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

nunca autoridades, mais interessadas em suas metas privadas do que nas coisas da república, no sentido dado ao conceito, pela ciência política, desde a Grécia clássica, a partir das obras de Platão e Aristóteles.

O êxito desses megaeventos foi parcial – parcial, porque houve muitos problemas de superfaturamento, desapropriações ilegais e criminosas, corrupção,

malversação de recursos públicos, fraudes em licitações, péssimas condições de trabalho, em muitos casos, promessas não cumpridas etc – então, foi parcial e sobretudo pontual, porque exceção à regra e a exceção confirma a regra, não é verdade? Em resumo: foi pontual, não estrutural, e nem estruturante.



A propósito, como o senhor enxergou a cobertura desses dois eventos pela mídia esportiva brasileira, uma vez que tanto em um caso como no outro, houve certa reação de parte da sociedade em concordar com a realização de ambos, frente a problemas sociais de resolução mais prioritária para o país?



Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

Creio que a mídia foi... meio bipolar: ora criticava quase tudo ora apoiava quase tudo, uma labilidade emocional daquelas. Sem nenhuma racionalidade investigativa, sem nenhuma observação participante, apenas calcados em impressões ou, o que é pior, talvez apoiados nos discursos oficiais, os quais como é de conhecimento geral todos ou quase todos são insuficientes e não raro descolados da realidade.

Ora, jornalistas e emissoras deveriam ter mais responsabilidade e compromisso com aquilo que são e com o que representam. Penso que na conjuntura dos Jogos Olímpicos (e na Copa do Mundo, também) houve falta de melhor e maior fundamentação, tanto para uma postura - a da crítica ferina - quanto para outra, do ôba-ôba festivo. Vi um programa num canal esportivo, que exemplifica bem esse panorama. Toda uma mesa de debates, toda!, composta por quatro jornalistas conhecidos, profissionais respeitados, onde todos, sem exceção, elogiavam bravamente o boulevard olímpico do Rio de Janeiro, por ocasião dos Jogos Olímpicos, pela beleza, urbanidade e diversidade cultural. Elogiavam muito mesmo, e quase ao término do programa, todos, todos os quatro disseram que ainda não tinham visitado o lugar, conhecido *in loco* o boulevard olímpico, na verdade, a "menina dos olhos" da prefeitura do Rio de Janeiro, para o evento. E disseram isso, depois dos rasgados elogios, sem nenhuma expressão facial de constrangimento ou formal pedido de desculpas... e, com certeza, havia criança nas salas dos milhares de lares, que assistem a esse programa diariamente (rs). Um exemplo, que demonstra um conjunto, amostra de um universo, e não um caso isolado. Lamentavelmente!



Que paralelo o senhor faria entre a capacidade empreendedora do Estado brasileiro em realizar com êxito reconhecido uma Copa do Mundo e uma Olimpíada, num espaço entre eles de dois anos, e a

sua incapacidade de formatar uma política pública consistente e eficaz para a resolver os problemas da violência no futebol?



Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

O estado brasileiro, patrimonialista, elitista e excludente, se empenha mais, se esforça melhor, quando o projeto tem uma referência, um patrocínio e um impacto internacionais, como é o caso da Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. É o que chamamos em sociologia de “efeito demonstração”, típico de países que viveram um profundo e devastador processo de colonização, como foi o Brasil, historicamente. Por isso, as identidades coletivas, a autoestima e o orgulho das “nossas coisas” ficam esgarçados e, assim, secundarizados. Quando o evento é externo, os interesses, inclusive de altíssimo peso econômico-financeiro, prevalecem e – isto é de natureza ideológica – os cuidados são maiores, até porque a vigilância, o acompanhamento e a fiscalização são internacionais.

Quando a questão é interna, parece, dá a impressão mesmo, que o descaso, a demora, a burocracia, a ausência de espírito e responsabilidade públicas predominam. Infelizmente, tem sido assim e foi em relação aos dois casos referidos. Contudo, é preciso sublinhar que os dois megaeventos apresentaram muitos problemas de planejamento, de execução e, particularmente, de legado. Legados sociais e culturais, metas básicas dos respectivos cadernos de encargos da FIFA e do COI, compromissos assinados pelo Estado brasileiro e, diga-se!, não somente pelo governo brasileiro, mas pelo Estado, reitero.

ÂNCORA

Voltando ao papel e atuação da mídia de esportes no Brasil, como o senhor situa a inserção do poder de interação das redes sociais na questão geral das ocorrências de violência no âmbito do futebol e em que medida elas também são úteis ao seu combate?



Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

Neste nosso mundo atual, dominado pelos meios eletrônicos de intercomunicação e de instantaneidade da informação, as redes sociais assumiram um papel cultural determinante, em muitos dos aspectos da convivência humana de nossos dias. Para o “bem” e para o “mal”, as redes sociais são instrumentos de grande eficácia e alta velocidade. Têm o problema do anonimato, o que facilita transgressões criminosas e que

acabou por resultar em toda uma discussão e novas legislações, para regulamentar, disciplinar e punir os excessos e os delitos daí decorrentes. No âmbito específico da violência no futebol, as redes sociais exercem um papel essencial, nomeadamente a partir de 2004, 2005, quando todos os confrontos e conflitos, entre segmentos de agressores infiltrados nas torcidas organizadas, passaram a ser combinados, organizados através dos meios eletrônicos. E cada vez mais. Tanto assim, que a legislação penal hoje em dia no Brasil, prevê e até incentiva a interceptação eletrônica, como meio de investigação e sanção dos delitos e de seus agentes praticantes. O passo a passo se dá através de uma solicitação ao juiz, que ao autorizar a escuta, encaminha a ordem judicial para a empresa de telefonia, que faz o link nos aparelhos. Existe a delegacia de crimes internéticos, através da qual os processos de práticas de violência no âmbito do futebol, são acompanhados, fiscalizados e reprimidos.

Nos dias que correm, no Brasil, não se pode entender satisfatoriamente as diversas violências entre grupos de torcedores, bem como os mecanismos de punição e prevenção, via iniciativas da inteligência das polícias, tanto civil quanto militar, sem se levar em conta a realidade dos meios eletrônicos, em geral, e das redes sociais em particular. As redes sociais são utilíssimas como ferramentas, para a transgressão delituosa, como do mesmo modo são ferramentas de grande utilidade, para o seu controle, fiscalização, interceptação e combate.

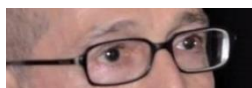
No âmbito específico da violência no futebol, as redes sociais exercem um papel essencial, nomeadamente a partir de 2004, 2005, quando todos os confrontos e conflitos, entre segmentos de agressores infiltrados nas torcidas organizadas, passaram a ser combinados, organizados através dos meios eletrônicos.

Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

ÂNCORA

Além de pesquisador, o senhor é também escritor e ficcionista do tema do futebol. **A partir desta condição, como o senhor situa o poder da literatura e do chamado jornalismo literário na indução de uma cultura lúdica e pacífica a ser vivenciada no campo do esporte?**



Mauricio MURAD

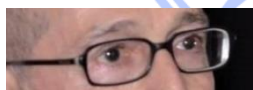
Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

É um poder fundamental. A literatura, como a arte da palavra escrita, através de seus variados gêneros, o conto, a poesia, a crônica, a novela, o romance têm o poder de pensar a realidade e ir para além dela, por intermédio das emoções, das metáforas, das imagens, das representações, dos dramas, tragédias e comédias. Os artistas são as antenas da raça, disse o escritor e crítico Ezra Pound.

O futebol é um fenômeno da existência social e cultural das pessoas, que integra praticamente todos os elementos componentes de uma boa literatura. Tem emoção, personagens incríveis, paixão, drama, violência, crime etc. Vai daí que o futebol pode ser um grandíssimo tema para as artes no Brasil. No conto, na crônica e na poesia (nesta um pouco menos), podemos dizer que já é uma realidade, diferentemente do romance ou do texto dramático, onde temos pouquíssimas obras representativas. **Água Mãe** de José Lins do Rego, de 1941, é considerado o primeiro grande romance tematizado no universo do futebol. A literatura tende a estimular uma visão lúdica e emotiva, mais humanizadora, dos esportes e do futebol e este ludismo é fator que contribui para uma cultura de paz e tolerância, uma nova ética. O ludismo não é panaceia, ou seja, solução definitiva para as questões complexas das violências no universo do futebol brasileiro, claro que não, mas que ajuda, ajuda. Minimiza, trabalha mais as problemáticas de interação, integração, inclusão, igualdade de oportunidades, o que mesmo que seja indiretamente auxilia, para uma renovada cultura de paz e tolerância no futebol e mesmo nas realidades circundantes.

ÂNCORA

Além do âmbito do futebol, como o senhor enxerga o fenômeno da violência em outros esportes, na suposição de que há esportes potencialmente mais susceptíveis à violência do que outros. **Sendo tal premissa verdadeira ou não, como a Sociologia do Esporte se debruça sobre esta questão?**



Mauricio MURAD
Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

Atualmente, temos mais de 400 modalidades esportivas, olímpicas ou não, regulamentadas e com disputas estruturadas. São esportes individuais e coletivos, de campo, de quadra, de piscina, de pista, de ringue, de montanha, de gelo, de mesa etc etc. Então, o universo das culturas das variadas modalidades esportivas é imenso, complexo e altamente diversificado.

Há outras modalidades esportivas, potencialmente mais violentas do que o futebol e que não apresentam ocorrências de agressividade e confronto

entre torcedores, como no futebol. Talvez a explicação dessa diferença esteja exatamente no fato do futebol ser um evento das multidões e objeto da paixão humana, que tudo exacerba, acentua e aprofunda. Os outros esportes também o são, mas o futebol parece mesmo ser mais intenso, como paixão e cultura de multidão, e com ambos combinados, em diferenciadas classes sociais, grupos, sociedades, culturas e histórias. Esta talvez seja uma explicação possível. Não há espaço social mais propenso a excessos, transgressões e violências do que uma multidão, mais ainda se for uma multidão movida pela paixão, disse com sabedoria Sigmund Freud, o “pai da psicanálise”.

Em muitas modalidades esportivas, como no basquetebol, por exemplo, as práticas de violência observadas entre torcedores, são fenômenos das torcidas organizadas de futebol, que migram suas rivalidades e conflitos, para as quadras do basquete. Tanto assim, que no caso do Rio de Janeiro, por exemplo, o policiamento dos ginásios, onde acontecem os jogos de basquete, é feito pelo GEPE, Grupamento Especializado de Policiamento dos Estádios, da PM/RJ, criado e mantido como um pelotão especializado de segurança pública do futebol.

Há outras modalidades esportivas, potencialmente mais violentas do que o futebol e que não apresentam ocorrências de agressividade e confronto entre torcedores, como no futebol. Talvez a explicação dessa diferença esteja exatamente no fato do futebol ser um evento das multidões e objeto da paixão humana, que tudo exacerba, acentua e aprofunda.

Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil



Apresente as suas considerações finais para encerrar a entrevista.



Mauricio MURAD

Universidade Salgado de Oliveira | Brasil

O problema da violência no futebol do Brasil é um grave problema de segurança pública, contextualizado no universo das violências, em geral, na sociedade brasileira. Não há desenvolvimento econômico, nem justiça social satisfatórios, sem segurança pública. O ir e vir das pessoas é um sagrado direito constitucional. Sem ele, qualquer realidade fica questionada e

passível de críticas contundentes. A violência no Brasil é uma das prioridades a serem enfrentadas pelos poderes públicos, federal, estadual e municipal, com base na Constituição Federal Brasileira.

A violência no futebol é parcela relevante dentro desse contexto geral de violências no Brasil. Os planos e programas de segurança pública no futebol brasileiro, ainda estão muito atrasados, relativamente ao que os protocolos científicos e operacionais preconizam há muito tempo. O caso do conflito entre arruaceiros infiltrados nas torcidas do Atlético Paranaense e do Vasco da Gama, na Arena Joinville, em dezembro de 2013, é emblemático. Na ocasião, assistimos pela televisão, por intermédio de imagens em primeiro plano, cenas de verdadeira selvageria, de barbárie, que chocaram o país. Na altura, a comoção popular e a pressão midiática foram tão intensas, que a presidenta da República, convocou em caráter de urgência, uma reunião multiministerial, para a elaboração de um efetivo planejamento de segurança nos espaços do futebol. Dessa reunião saíram nove medidas, as quais deveriam ser implementadas imediatamente. Até hoje, três anos depois, apenas uma (!) foi de fato posta em prática. E os baderneiros daquele evento, incentivados pela impunidade, foram flagrados (em flagrante delito), em outros acontecimentos de depredação do patrimônio público e privado, desacato a autoridade, agressões, formação de quadrilha, dano qualificado e violências, inclusive óbitos.

Também o jogo entre Flamengo e Corinthians, no Maracanã, no Campeonato Brasileiro de 2016, foi um exemplo de equívocos inaceitáveis, por parte das forças de segurança, como também pela atitude de dirigentes de clube, quase sempre coniventes e cúmplices. Jogo de alta complexidade, pouquíssimo e despreparado policiamento, falta de organização operacional da polícia, nos espaços reservados do estádio, para "separar" as duas torcidas, e truculência da PM, que prendeu envolvidos e não envolvidos no vandalismo, além de deixá-los sem camisa, por mais de uma hora, numa imagem de campo de concentração. A nota (correta) de repúdio do Corinthians à atitude da corporação, não fez nenhum tipo de censura ao comportamento daquela minoria agressiva de corintianos, provocadores, que invadiram a área da torcida do flamengo, agrediram policias, que ficaram acuados. Cenas de extrema violência, cenas que invadiram as nossas casas, por intermédio da televisão.

Ao finalizarmos, repito que necessitamos pra já de um plano estratégico nacional, que parta de Brasília e dê conta de toda a diversidade cultural do futebol brasileiro. Um plano que reúna três grandes conjuntos de medidas: repressivas e de curto prazo, preventivas e de médio prazo e reeducativas, de longo prazo. Mesmo que não resolva 100% os problemas da violência

ENTREVISTA • Mauricio MURAD

no futebol brasileiro – nenhuma sociedade resolveu 100% o problema da violência, em geral e nem no futebol -, mas pelo menos coloca essas práticas em níveis aceitáveis socialmente, juridicamente e eticamente. E que a violência fique sob o controle da lei, da ordem e das instituições e não ao contrário como se verifica hoje. Infelizmente!

